

SALTA PELO POVO

EDITORIAL

CONDIÇÕES DE TRABALHO E DOENÇA

Em Portugal nada existe do ponto de vista da prevenção da doença, nem a estrutura em que assenta a prática da medicina toma sequer em conta esse aspecto. Ou poder-se-á considerar que as vacinações nas escolas e os rastreios da tuberculose, isoladamente, sem ter em conta as condições de alimentação e habitação do povo, sejam medidas preventivas eficazes? É claro que não, porque nem sequer os focos das doenças infecciosas e contagiosas são eliminados. A maioria da população que vive nas aldeias e bairros de lata não tem as condições mínimas de higiene: não há redes de esgotos, as lixeiras são junto das «casas», as moscas proliferam, os ratos são aos montes, as habitações húmidas, etc. Por outro lado, numerosas famílias albergam-se em barracas e partes de casa e por esses campos fora ninguém esclarece os camponeses sobre o uso e manuseamento de pesticidas. Ora, tudo isto é importante na manutenção de condições de doença, ao que se vem juntar a má alimentação, o consumo de produtos pobres em substâncias absolutamente necessárias ao nosso organismo, etc.

É verdade que tudo o que temos vindo a dizer são pontos importantes a ter em conta quando se fala em saúde-doença, mas neste número restringiremos o nosso objectivo a um aspecto somente: as condições de trabalho nas fábricas como causa imediata do aparecimento de determinadas doenças e a relação que este problema tem com a estrutura capitalista da nossa sociedade.

A medicina burguesa posta ao serviço do capitalismo, existe para tratar os capitalistas e as suas doenças próprias e para devolver ao operário a sua capacidade de produzir que ele tinha perdido por se encontrar doente. E encontrava-se doente porque para além das miseráveis condições de alimentação e habitação que lhe são acessíveis, as condições de trabalho na fábrica (altas

(Continua na pág. 2)

QUEM TEM MEDO DO SANEAMENTO NOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Já lá vai o 25 de Abril, o 28 de Setembro e mais recentemente o 11 de Março e pouco ou nada se alterou nos H. C. L.

Aqueles que sempre reprimiram os trabalhadores, muitos deles ligados ao regime fascista, continuam a ocupar os mesmos lugares de chefia, só que agora dizem-se defensores da «legalidade democrática». É o compromisso entre os fascistas e reformistas que impede que os trabalhadores avancem com o processo de saneamento. São estes senhores, que caluniam e chamam reaccionários a os trabalhadores que não temem avançar com o processo de saneamento, e que lutam

para que os Hospitais deixem de ser quintas de meia dúzia de senhores.

É a altura de dizer, de uma vez para sempre, que não temos medo das calúnias que nos fazem e que também sabemos perfeitamente quem são os reaccionários.

Os reaccionários são precisamente os que reprimiram e ainda reprimem os trabalhadores, os que defendem com unhas e dentes os seus tachos adquiridos antes e depois do 25 de Abril.

Cinco trabalhadores falam do saneamento nos H. C. L. e da luta desencadeada no Hospital de S. José, para que se faça uma Assem-

A LUTA NA CAMBOURNAC

No sistema capitalista, as crises são inevitáveis pelas próprias condições que ele encerra e, à medida que se repetem, mais agudas se tornam.

As consequências abatem-se sobre a classe trabalhadora quer por despedimentos em massa, quer por aumento de horas de trabalho, quer por diminuição de salários. Mas os capitalistas vão encontrando pela frente uma oposição cada vez mais firme da classe operária. É o que se reflecte na fábrica da Cambournac em que os trabalhadores lutam

há já algum tempo, por melhores condições de trabalho, contra os despedimentos e por melhorias salariais.

A Cambournac é uma fábrica de fiação, de tecelagem e de tinturaria que emprega cerca de 800 trabalhadores que se distribuem por três turnos durante as 24 horas do dia.

Foi essencialmente contra os despedimentos que os operários da Cambournac se organizaram para poderem garantir a sua subsistência.

O patronato utilizou já as tra-



Lutar por melhores condições é lutar pela saúde dos operários

dicionais formas de boicote à produção, como o corte de fornecimento de matérias primas, inutilização de máquinas, querendo «justificar» assim os despedimentos aos trabalhadores. Mas estes organizados, impediram que o patronato levasse até às últimas consequências estas formas de boicote, impondo-lhe condições para que tal não acontecesse.

O patrão para além deste boicote, procura a todo o custo dividir a classe trabalhadora, explorando a divisão social do trabalho, mas os trabalhadores, através do processo de luta encetado, estão cada vez mais conscientes das manobras do patronato, começando a criticar os camaradas que ainda não compreenderam essas manobras.

Apesar de todas estas tentativas de divisionismo, os operários, que sentem na carne a exploração do seu trabalho pelo patronato, reivindicam melhores condições de trabalho e de saúde.

bleia Geral de todos os trabalhadores, o mais rapidamente possível, para que se tomem posições perante esta grave situação.

● O que tem sido o chamado saneamento nos H. C. L.?

Empregado Administrativo — Do que me recordo das Assembleias Gerais de Trabalhadores (A. G. T.) que assisti, posso dizer que foi determinado em 9 de Maio em A.G.T., no Capitólio, por votação, o saneamento das Direcções Clínicas, Comissões Instaladoras, dos Adminis-

(Continua na pág. 3)

(Continua na pág. 2)

CONDIÇÕES DE TRABALHO E DOENÇA

(Cont. da pág. 1)

temperaturas, vapores tóxicos, ausência de ventilação, más condições higiénicas, etc.) lhe tinham arruinado completamente a saúde.

Mas no sistema capitalista, o operário perde por completo a sua dimensão humana e fica reduzido à sua força de trabalho, é obrigado a vender-se, venda essa que se processa dentro de determinadas leis, como outra qualquer mercadoria.

Então o que interessa é «curar» o pulmão doente, o fígado doente, o corpo intoxicado, para que de novo o ser humano que tinha o pulmão ou o fígado doente regressasse ao seu local de trabalho e novamente ingressasse na produção e por consequência vá proporcionar ao capitalista a possibilidade de mais lucros obter. Mas regressar ao seu local de trabalho significa voltar de novo para o mesmo ambiente, para as mesmas condições de trabalho que lhe tinham provocado a doença. (O que o capitalista lhe faz por vezes é mudá-lo de secção para que a doença que ele já tem se não agrave, o que não evita que outra doença se não vá manifestar mais tarde. Mas, enquanto aparece e não aparece, ele vai conseguindo trabalhar, isto é, a sua mão-de-obra vai sendo explorada sem necessidade de indemnização por parte do patrão).

E é nesta engrenagem, nesta cadeia fechada que à medicina é traçado pelo capitalismo o papel preciso que deve desempenhar:

- Nada de prevenção da doença, apenas a sua «cura»;
- Nada de denúncias, apenas a aceitação do que já está definido: o jogo e as suas regras;
- Nada de investigação séria, apenas eficácia;

Enfim, refazer a saúde, já que ela é absolutamente indispensável para a produção, para o lucro.

As necessidades reais do povo são esquecidas, apenas interessa que ele possa produzir riqueza.

Ora, nós não queremos ficar por aqui! Nós queremos que todo este ciclo vicioso seja denunciado, que toda esta cadeia seja destruída! E, portanto, temos de começar pelo princípio, temos de ir ver porque é que as condições de trabalho geram doença, porque é que isto é «esquecido», temos de ir ver o que se deveria fazer para tentar evitar o que parece inevitável.

A medida que o capitalismo se vai desenvolvendo, e uma vez que raciocina sempre em termos de lucro-perda, vai refinando toda uma técnica de exploração. É por isso que se o patrão de uma dada empresa vir que uma melhoria das condições de trabalho faz com que os seus operários produzam mais e melhor, ele não tem «escrúpulos» nenhuns em dar essa «regalia» aos que para ele trabalham, já que essa mesma «regalia» vai fazer com que mais dinheiro ele arrecade.

O facto de os operários da construção civil usarem capacetes não é porque os capitalistas que os exploram se tenham condoído pela grande percentagem de desastres de trabalho aí verificados, mas é porque por cada operário que sofria um acidente várias horas de trabalho se perdiam, horas essas que eles continuavam a pagar. Se é legalmente obrigatória a presença de um médico em médias e grandes empresas é porque ele poderá avaliar com mais rigor até que ponto as doenças profissionais dos operários estão a progredir, em que fase de evolução se encontram para poder aconselhar a administração a mudar de secção este ou aquele operário (porque a «coisa» já está a ficar feia) ou dizer que o operário em questão ainda aguenta muito bem aquelas condições por mais algum tempo.

E quando o médico do trabalho não cumpre estas funções, ele é posto fora, não serve, não aceita as regras do jogo, portanto não pode jogar.

Mas se por um lado é o próprio capitalismo a fazer concessões de mão-beijada porque isso lhe acarreta lucros, também muitas vezes ele se vê forçado a ceder em virtude das justas lutas reivindicativas dos operários que exigem melhores condições de trabalho, diminuição dos ritmos de produção, salários menos injustos, que fazem greves para protestar contra a morte de camaradas seus, vítimas também como eles da desenfreada exploração capitalista.

Camaradas trabalhadores da saúde!

Lutemos contra o capitalismo!

Lutemos por uma Medicina ao serviço dos TRABALHADORES!

ASSINATURAS

Se queres receber regularmente este jornal faz a tua assinatura.

Condições: 8 números — 20\$00

Nome

Morada

Local de trabalho

Envia a quantia em cheque ou em vale do correio endereçada ao director. — Apartado 4225.

RECTIFICAÇÃO

O artigo «ÀS ORDENS DO SENHOR ADMINISTRADOR» publicado no número anterior continha uma incorrecção: o sr. Administrador Pimenta deixou de utilizar o carro e condutor dos H. C. L. no princípio do mês de Fevereiro deste ano, por sua livre vontade, e não que esse direito lhe tivesse sido retirado.

A LUTA NA CAMBOURNAC

(Cont. da pág. 1)

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO AFECTAM GRANDEMENTE A SAÚDE DOS TRABALHADORES, QUE SÃO EXPLORADOS ATÉ ESTAREM FÍSICAMENTE DIMINUÍDOS, E FICAREM INAPTOS PARA O TRABALHO. Assim nos diz o enfermeiro do actual posto médico:

«Se com exame médico houver incompatibilidade física para o trabalho de uma secção, muda-se o trabalhador para uma outra».

Os problemas de saúde existentes, e que eram perfeitamente evitáveis, como intoxicações, alergias de pele, queimaduras, surdez, cegueira, ocorrem, por um lado, devido às instalações, que se caracterizam pelos seus tectos baixos, o chão de areia nalgumas secções, a inexistência de janelas, a consequente má ventilação e falta de iluminação; por outro lado devido à falta de esclarecimento, quanto à utilização de objectos preventivos por parte dos operários, como luvas para o manuseamento de ácidos (sulfúricos, acético, clorídrico), tampões para os ouvidos devido aos ruídos provenientes da ressonância das máquinas, máscaras, batas, etc. Tudo isto vai contribuir para uma maior deterioração da saúde dos operários.

MÉDICO DE EMPRESA

— LACAIO
DOS PATRÕES

Para além da falta de esclarecimento sobre a utilização dos objectos preventivos, estes são em reduzido número e de má qualidade, o que os torna pouco eficazes.

Pelo contacto realizado junto dos trabalhadores, recolhemos algumas opiniões sobre as condições de trabalho:

Um elemento da Comissão de Trabalhadores — «Estas instalações não têm condições. O patrão promete outras, mas ainda não estão construídas. Aqui trabalha-se com muitos produtos tóxicos. Por os trabalhadores não terem lugar para guardar as máscaras, estas são corroidas pelos produtos tóxicos e ficam sem efeito anti-intoxicador».

1.º trabalhador — «O pior de tudo são os ruídos. Temos luvas, máscaras, mas usar as máscaras, isso às vezes é pior. Elas não prestam. O comprador cá da casa tira vantagem em comprar estas coisas».

O esclarecimento sobre a utilização de objectos preventivos contra os produtos corrosivos dentro de uma empresa é da responsabilidade do médico dessa mesma empresa. Uma das primeiras reivindicações dos trabalhadores relativamente à medicina do trabalho, foi a substituição do antigo médico (que era filho do patrão) por um médico escolhido pelos próprios trabalhadores, o que na prática já se concretizou.

2.º trabalhador — «O antigo médico nunca nos disse para que é que esses objectos nos serviam. Ao patronato é que esse médico da empresa fazia bem, porque ele era médico da família Cambournac. Não havia posto médico. O «Chico» Cambournac, quando dizíamos que

nos sentíamos mal da saúde, ele respondia que nós nos sentíamos mal porque tínhamos falta de marido, ou porque tínhamos problemas com o marido».

A medicina na sociedade capitalista só pode servir os interesses da classe dominante pois ao tentar manter os trabalhadores nas mínimas condições de saúde de modo que estes continuem a produzir, leva a uma maior exploração pelo patrão sobre os trabalhadores. O médico não é mais do que um lacão do patrão, que serve para amenizar as lutas dos trabalhadores por melhores condições de trabalho. E quando se mostra mais rígido no denunciar das condições de saúde dos trabalhadores, entrará inevitavelmente em conflito com a empresa e poucas possibilidades terá de sair vencedor.

NEM TODOS OS MÉDICOS SE VENDEM

Assim se passa com o actual médico, como nos afirma o enfermeiro presente posto médico:

«O nosso médico tem muito cuidado com a saúde dos trabalhadores. Houve até um facto muito curioso que se passou aqui no posto médico, com uma trabalhadora grávida de 8 meses. Pelo seu estado de gravidez avançada, o nosso médico considerou que naquele estado não deveria trabalhar, mandando-a para as caixas para aí, lhe passarem a indispensável baixa. Nas caixas recusam-se a fazê-lo».

As posições que o actual médico tem tomado junto aos trabalhadores que o escolheram, deram origem a vários conflitos com a empresa, os quais ainda não tiveram consequências graves devido ao forte apoio dos trabalhadores.

A CAMBOURNAC É UM EXEMPLO VIVO DE QUE OS TRABALHADORES ORGANIZANDO-SE E LUTANDO CONTRA O PATRONATO, CONSEGUEM VER SATISFEITAS AS SUAS NECESSIDADES IMEDIATAS, TOMANDO CADA VEZ MAIS CONSCIÊNCIA DA SUA VERDADEIRA FORÇA SOCIAL. Assim nos mostra a forte determinação de lutar de uma operária:

«Há 11 anos que trabalho aqui. Antigamente fazia o trabalho na tinturaria, e com o cheiro do amoníaco ficávamos tontas, mas eramos obrigadas a isso, mesmo não suportando, tínhamos que suportar. Isto era horrível! Uma vez desmaiei e as minhas colegas chamaram uma ambulância que me levou para casa. Fui tratada por um médico particular, e ainda por cima paguei a ambulância».

Temos sido umas grandes escravas aqui dentro, mas como temos que trabalhar, temos que aguentar. Tínhamos que aguentar, porque isto agora está diferente! Vamo-nos levantando devagarinho porque tem mesmo que ser, porque isso é que era bom!... senão eles continuavam com o pé em cima».

**LEIA E DIVULGUE
O SEU JORNAL**

QUEM TEM MEDO DO SANEAMENTO NOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(Continuação da pág. 1)

tradores, da Direcção Geral dos Hospitais e além disso, saneamento a todos os níveis dos hospitais.

Ficou também aprovado que era à Comissão Provisória de Gestão (C. P. G.) que competia tomar as medidas de saneamento que estivessem dentro da sua competência, depois de propostas pelos trabalhadores, e apresentá-las aos órgãos superiores, sempre que as medidas de saneamento não fossem da sua competência.

Médico — Perante uma tomada de posição dos trabalhadores a 9 de Maio, que era o saneamento da Direcção Geral dos Hospitais, competia à C. P. G. fazer toda a pressão nesse sentido; acontece que esta comissão é pressionada pela Secretaria de Estado da Saúde e pela Direcção Geral dos Hospitais e acaba por se comprometer, sem esclarecer os trabalhadores.

Novamente na AGT de Julho, no Monumental, foi votado pela segunda vez o saneamento da Direcção Geral dos Hospitais, o que também não veio a acontecer. Posteriormente e mais grave, a C. P. G. nem sequer fez uma reunião para esclarecer o que se passava com o saneamento. Quem estava nesta A. G. T. lembra-se que foi dado o prazo de um mês para a C. P. G. apresentar o relatório do que se passava, e até hoje, nada.

Quando a C. P. G. foi eleita, um dos pontos que ficou assente, foi precisamente levar à prática o saneamento exigido pelos trabalhadores, e nunca ficou aprovado meter-se em compromissos com a Direcção Geral dos Hospitais ou com quem quer que fosse.

Empregado Administrativo — O chamado saneamento a todos os níveis das estruturas hierárquicas dos hospitais, constou, na prática, na tentativa de sanear os Directores Clínicos e seleccionar os Administradores, porque diziam que precisavam de pessoas que conhecessem e dessem o apoio técnico.

O que se passou é que não houve saneamento efectivo a nível das estruturas fascistas.

Também foram mandadas à C. P. G. umas dezenas de pedidos de saneamento por processo de abaixo assinado ou por denúncia individual que nunca obtiveram resposta.

Como não havia qualquer lei nova sobre o saneamento!!!...

● Porque não foram para a frente os processos de saneamento?

Empregado geral — os trabalhadores tentaram várias vezes juntar-se e ir à C. P. G. ou às outras comissões que existem: Isto é uma salada russa de comissões».

Os funcionários mais baixos eram chamados a pedra, metiam-lhes medo e como se atemorizavam, não dava azo a que se unissem e tudo ficava na mesma.

Até neste processo que estamos a seguir se está a passar o mesmo.

Se houver uma força bruta que decida mesmo ir para a frente, isto vai mesmo, se não, estamos a trabalhar para nada.

Estou confiante que isto vai mesmo para a frente.

Empregado Administrativo — Posso dizer que os inquiridos dirigidos às personalidades mais importantes dos Hospitais foram elaborados por aqueles que tinham ficado

encarregados de fazer o processo.

Quando o Governo nomeou 7 elementos dos 28 que passaram a funcionar como Comissão Instaladora, o administrador Dias Costa foi demitido.

O que aconteceu ao senhor Dias Costa, que era um dos elementos propostos para saneamento pelos trabalhadores na A. G. T. no dia 9 de Maio, foi a transferência para a Direcção de Utilização Comum dos Hospitais. Veja-se como o saneamento deste elemento afecto ao antigo regime não é mais que mudar de lugar.

A mesma coisa se passou com outros senhores da anterior gestão que ficaram metidos nos serviços de apoio da Secretaria de Estado da Saúde, no Ministério dos Assuntos Sociais ou até dentro do próprio Gabinete dos Assuntos Sociais.

Outro caso que os trabalhadores apontam é o do Dr. Lima das Neves.

Sabendo que, em Julho, na penúltima A. G. T., foi aprovada uma proposta que dava um prazo de um mês à C. P. G. para apresentar o relatório dos processos e do seu trabalho e que convocasse ao mesmo tempo uma A. G. T. para esse efeito, e sabendo nós que já lá vão cerca de 9 meses sem ter aparecido qualquer assembleia para tratar do assunto, como se explica que a C. P. G. e o Presidente da Mesa da Assembleia Geral se recusem a convocar a A. G. T.?

Empregado geral — Pensem o que quiserem, para mim a resposta é incompetência.

Não lhes interessa mostrar o poder da sua incompetência. Foram buscar as pessoas mais antigas para fazer o saneamento.

Todos os que foram para a Comissão sabiam o que se passava com os seus estratos. Foram-se defender eles próprios e não os outros trabalhadores como disseram em A. G. T., e é essa a razão porque não querem a Assembleia Geral.

Não lhes interessa que saibamos o que se passa, não lhes interessa sair do lugar que ocupam.

Empregada administrativa — Eu acho que não é só incompetência, além disso existe uma actuação deliberada por parte da Comissão em tentar manter as mesmas pessoas nos mesmos lugares a desempenhar as mesmas funções, e não querem que se veja os pôdres.

Empregada auxiliar — Não lhes interessa ver lá alguém a trabalhar; porque não querem lá ninguém que possa saber os pôdres que lá se passam.

Eu estava para lá trabalhar e o sr. enfermeiro Gramacho recusou porque eu era uma revolucionária; além disso, convidou uma colega minha para o meu lugar, que sabe mais do que eu, mas não viu tanto como aquilo que eu tenho visto com os meus próprios olhos.

Nós vamos lá fazer um pedido qualquer; dizem muito bem, mas vai tudo para trás. Por exemplo, a uma empregada auxiliar que está bastante mal e que queria serviço moderado, responderam que na nossa classe não há serviços moderados.

Já viram que eles não querem sair de lá de nenhuma maneira, e até já andam por aí a atemorizar o pessoal todo, a dizer que nós so-

(Continua na pág. 4)

O «SAÚDE PELO POVO» ESCLARECE OS TRABALHADORES DA CLÍNICA DE SANTA CRUZ

Camaradas:

O que se passou na última Assembleia de Trabalhadores da Clínica de Santa Cruz precisa de ser explicado.

Foi votada a nossa expulsão da Assembleia, depois de um elemento da Comissão de Gestão de Santa Maria ter denunciado uma camarada nossa que tomava algumas notas. Foi votada a nossa expulsão, alegando que não eramos trabalhadores de Santa Maria.

Ora, camaradas, nós temos a esclarecer o seguinte: O «SAÚDE PELO POVO» é fruto do trabalho e esforço de trabalhadores dos diversos hospitais incluindo o de Santa Maria; além disso, nós não somos pessoas estranhas à justa luta dos trabalhadores de Santa Cruz.

Desde o início da luta, que camaradas do «SAÚDE PELO POVO» se dirigiram a Santa Cruz para ouvir os trabalhadores e divulgarem a sua luta.

Grande parte dos trabalhadores conhecem o nosso jornal e conhecem alguns de nós.

O conteúdo dos artigos publicados no «SAÚDE PELO POVO» é claro. O jornal está ao lado dos trabalhadores e não ao lado dos patrões e seus aliados sejam eles quem forem. Logo que o jornal vem da tipografia tem sido nossa preocupação divulgá-lo junto dos trabalhadores. Assim, não escondemos nada a ninguém. Mais ainda, o jornal tem as suas páginas abertas para que todo o trabalhador possa esclarecer o que lá vier de incorrecto.

Os artigos que escrevemos não são feitos tendo como base o que

ouvimos dizer aqui ou ali; antes nos baseamos em declarações dos próprios trabalhadores.

Se temos interesse em assistir às Assembleias não é para termos direito a intervir ou votar. Nós entendemos, do mesmo modo que os trabalhadores, que a Assembleia é o modo de discussão e decisão colectiva. Daí o nosso interesse em estarmos presentes para termos uma ideia global da vossa luta e para não darmos uma ideia deturpada nas páginas do jornal. Que fique claro camaradas, que não vamos à Assembleia para ludibriar os trabalhadores, como foi dito, ou com truques na manga. Nós não temos medo de, perante os trabalhadores, esclarecer as nossas posições.

Porque levantou o problema um elemento da Comissão de Gestão do H. S. M. e não o fizeram os trabalhadores de Santa Cruz?

Quanto a estes, como dizem acima, conhecem o jornal e a sua posição. Quanto à Comissão de Gestão do H. S. M. achamos natural que não simpatize com o jornal «SAÚDE PELO POVO», uma vez que o jornal reproduziu entrevistas com trabalhadores do H. S. M. que mostravam o seu descontentamento por medidas impopulares tomadas por esta Comissão de Gestão, concretamente no que diz respeito aos pequenos almoços, ao saneamento e ao serviço de alimentação.

É isto que queremos que fique bem claro!

«SAÚDE PELO POVO»

Lisboa, 7 de Abril de 1975

OS DOENTES DE SANTA MARTA REIVINDICAM

Os doentes do serviço 1, perante as péssimas condições de assistência médica, instalações, alimentação, higiene, etc., organizaram-se e elaboraram uma folha reivindicativa que apresentaram à Comissão de Gestão, assinada por mais de cem doentes.

A luta dos doentes de Sta. Marta, é a mesma luta dos doentes dos outros hospitais, porque nestes as condições não são melhores.

Os doentes organizaram-se em comissões de doentes é um dos primeiros passos na luta pela conquista de um serviço de saúde construído pelo Povo.

Apoiando esta forma de organização, divulgamos o documento elaborado pelos doentes:

Os doentes deste hospital, serviço 1, ao reflectirem nas anomalias que aqui se passam, procuraram por todas as formas ao seu alcance, contactar uns com os outros, chegando à conclusão, que o melhor era apresentar a quem de direito, as reivindicações que abaixo discriminamos e que foram acordadas entre todos os doentes, cujas assinaturas abaixo o confirmam.

1.º — Não se justifica que num Hospital como o de Santa Marta, com elevado número de doentes, esteja sem médicos permanentes, das 14 horas da tarde até às 9 horas da manhã do dia seguinte, pelo que pedimos mais assistência médica,

isto é, o período acima citado ser preenchido por médicos ou médico permanente.

2.º — Pedimos mais assistência, no que diz respeito à enfermagem. Pois, quanto a nós, uma enfermeira e uma empregada, que são o número de trabalhadores, é muito pouco para tratarmos de cerca de 45 doentes que ficam na enfermaria, sexo masculino, serviço 1, no período das 16 horas da tarde às 8 horas da manhã do dia seguinte, o que dá origem a uma grande falta de assistência involuntária aos doentes.

3.º — Denunciam ainda a pouca pontualidade no começo das dietas e na distribuição dos seus medicamentos, bem como por vezes, com todas as suas graves consequências, a interrupção da medicação com a justificação de falta de pessoal.

4.º — No que diz respeito à alimentação, a não diversidade desta, ligada à má distribuição, origina o descontentamento dos doentes. Pois muitas vezes, a refeição, na sua qualidade não satisfaz e ainda por cima é servida fria, o que nos parece não ajudar nada o doente na sua recomposição. Há também o problema do refeitório, se é que lhe podemos chamar refeitório, que se parece mais com uma arrecadação do que com um refeitório. Motivo: cerca de 3/4 da sua superfície estão

(Continua na pág. 5)

QUEM TEM MEDO DO SANEAMENTO NOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(Continuação da 3.ª página)

mos utilizados por outras pessoas.

Ora, se lá querem estas é porque se entendem bem. Olhe lá, uma pessoa sentada à sua secretária e ao fim do mês receber o dobro do ordenado! Na enfermaria tinha que trabalhar e fazer velas; lá, ganham as velas e não querem trabalhar. É um sistema muito bom!

Quando foram lá para cima, souberam muito bem dizer que em tudo o que nos interessasse se faziam reuniões. Já lá vai quase um ano e ainda não fizeram nenhuma reunião da comissão a esclarecer este ponto ou aquele, porque não se pode fazer isto ou aquilo. Tinham que nos dar uma satisfação.

Se nós queremos fazer uma reunião dizem-nos logo: «Vejam lá o que querem fazer, metem-se em problemas!»

A nossa representante tinha o direito e a obrigação de, pelo menos uma vez por mês, fazer uma reunião, chamar o pessoal todo e dizer — Camaradas eu não posso fazer aquilo que vocês querem porque não me deixam...

Eu digo que isto come tudo do mesmo, saíram uns que tinham a barriga cheia, entram eles para encher a barriga e nós ficamos sempre na mesma.

Nós vamos lá e só se vê má-criação das pessoas mais altas do que das mais baixas; até falamos para nós com repugnância.

● Como se deve fazer o saneamento?

Empregado geral — Na minha maneira de ver, deve-se afastar as pessoas que estão lá na cúpula e que não são gratas aos trabalhadores. Depois, é preciso fazer andar os processos de saneamento dos tais grandes senhores que cá estavam dentro a massacrar-nos e que ainda cá estão e se for necessário mandá-los para a rua. Tê-los cá dentro é a mesma coisa que tirar o pódre de uma maçã e deixar lá a lagarta.

A respeito dos outros, das comissões, desviá-los dos lugares que ocupam e arranjam-se pessoas competentes e conscientes do que vão fazer, que defendam os trabalhadores. Se não se encontrarem pessoas competentes para guiar o barco, entrega-se ao M. F. A...

Empregada administrativa — É preciso definir duas coisas, uma é o saneamento efectivo e outra é a substituição das comissões.

Não devemos estar com muitos escrúpulos com indivíduos que sabemos qual foi a posição deles durante muitos anos.

É preciso os trabalhadores saberem exactamente quais os indivíduos que exercem todo o tipo de repressão, apresentarem provas concretas e exegirem o afastamento imediato deles.

Empregado Geral — Será muito difícil apresentar as provas, a maioria foram destruídas naquele forno. Nós denunciámos isso à Junta de Salvação Nacional.

Médico — Quanto a mim, neste momento, não se deve manter esses inquéritos confidenciais, mas antes deve-se denunciar publicamente os elementos a sanear, em Assembleias Gerais, jornais e em todos os órgãos de informação, para termos mais força.

Empregado dos Administrativos

— os trabalhadores precisam é de se organizarem a nível de hospital, formaram comissões de saneamento, propôr à C. P. G. os elementos a sanear. Se esta não os sanear, então serão os próprios trabalhadores que os saneiam.

Os trabalhadores organizados podem tomar medidas:

1.º — Seria o afastamento do meio hospitalar dos elementos a sanear.

2.º — Seria o inquérito profundo a esses elementos e saber se ainda podem ser reclassificados.

● Qual a importância da A. G. T. no processo de saneamento

Empregada administrativa — As A. G. T. são fundamentais para a vida nos locais de trabalho. Sem assembleias gerais, é impossível que os trabalhadores vejam os problemas em conjunto.

É, contudo, preciso fazer pequenas assembleias para que às A.G.T. as coisas cheguem mais preparadas.

As A. G. T. são importantes porque, se o saneamento for por razões de vingança pessoal, os outros trabalhadores opõem-se a este saneamento.

● Qual a razão porque em muitas empresas privadas os trabalhadores conseguiram o saneamento dos chefes e dos administradores e no funcionalismo público ficaram os mesmos?

Empregado geral — Nas empresas privadas, foi a camaradagem entre os trabalhadores que os levou a sanear fascistas.

Os trabalhadores dos Hospitais estão cegos; só sabem o que se passa com eles. Só juntando-nos é que podemos saber alguma coisa; só na A. G. T. é que podemos pôr as coisas ao de cima.

Empregado administrativo — A minha opinião é que, nas empresas privadas, os trabalhadores recusaram a gestão da empresa porque sabiam que isso era perigoso. Preocuparam-se mais em sanear a empresa, ao passo que no funcionalismo público verificou-se o contrário.

Porque as estruturas ainda se mantêm fascistas, as hierarquias mantêm-se, a legislação fascista mantêm-se, e até foi reforçada com a resolução do Conselho de Ministros de Julho do ano passado.

● Queremos Assembleia Geral de Trabalhadores

Empregada auxiliar — Na comissão põem o argumento que nós nos cansávamos das Assembleias. Isto é porque as Assembleias que fizeram eram só para os trabalhadores grandes e não para os pequenos.

É por isso que o pessoal se vai cedo embora e não participa. No final, quando eles vêm que o pessoal já se foi embora, vão buscar os primeiros pontos que já deviam estar esclarecidos e vão para o fim.

Numa assembleia o mais importante deve-se dizer logo no princípio.

É por isso que eu digo que a A. G. T. que vamos ter, os pontos principais que são o saneamento e a substituição da comissão deviam ser logo esclarecidos porque é quando está a maioria do pessoal, se vão para o fim, só ficam os médicos a discutir.

Eu vou reunir com as minhas colegas e dizer que estes pontos têm de ser logo discutidos no início.

Nós somos mulheres e uma mulher que não tenha namorado ou marido, às duas ou três da manhã quando sai do Capitólio, vai sozinha para casa.

Se a reunião começar mesmo à hora marcada, tem o apoio da maioria dos trabalhadores, porque depois da meia-noite vai-se a maioria embora.

Empregado administrativo — Isto é importante porque na orientação de uma assembleia, conseguem-se os resultados que se querem com factores deste género. Se por exemplo se deixa, no período de informações, as pessoas falar inicia a ordem de trabalhos a maioria já abandonou a sala e só ficam os mais interessados naquele tipo de soluções.

Empregada auxiliar — As pessoas dizem que não vão mais às Assembleias porque diz-se sempre a mesma coisa, é cansativo, mete nojo, é só lavar a roupa.

Se a gente anda a trabalhar para que os trabalhadores se convençam que isto é uma coisa concreta e séria, não vamos agora fazer o mesmo que os outros fizeram. Queremos lutar contra os outros, o que eles têm estado a fazer é desonesto.

● Quem boicota o processo de convocação da A. G. T.

Empregada administrativa — O medo é ainda frequente nos trabalhadores, e isto está a ser aproveitado pelas pessoas interessadas em boicotar a assembleia.

Houve muitas tentativas de boicotar a recolha de assinaturas para listas de convocação da assembleia.

Lembro-me de uma pessoa que se recusou a assinar, dizendo que a comissão é má mas que pode vir outra pior que esta e por isso seria melhor manter esta comissão.

Este foi o argumento usado pelos fascistas para manter o regime durante 48 anos.

Nos serviços houve um boicote, por exemplo, o chefe da secretaria do Curry Cabral não deixou sair a lista de assinaturas da secretaria.

No Hospital dos Capuchos também houve um boicote à recolha de assinaturas que até foi eficaz.

Muitos não assinavam porque tinham ordens partidárias.

Empregada auxiliar — Não há que ter medo da comissão sair e nós queremos outra comissão. Os ministros que são ministros, chegam-se à altura e mudam-se; muda-se isto e aquilo, logo que não serve a comissão porque se não há-de mudar?

O Dr. Galhordas recusou-se a assinar porque tinha sido ele quem colaborou juntamente com o Dr. Orlando Leitão na recusa ao pedido de Assembleia Geral proposta pelos trabalhadores de S. José e serviços centrais.

Médico — Muitos elementos que no início se mostravam muito combativos e que queriam a realização da Assembleia, a partir da altura que o Dr. Orlando Leitão recusou a convocação da Assembleia, recusaram-se a assinar as listas para a convocação da Assembleia porque assim iam contra o Dr. Orlando Leitão.

Mas afinal queremos defender os interesses dos trabalhadores que

até agora foram os mais explorados, ou ficamos à espera que o Dr. Orlando Leitão e o Partido Comunista resolva o problema dos trabalhadores?

Empregada geral — Há uma coisa que eu queria focar: sendo isto um movimento de trabalhadores, eu quero dizer às pessoas que não metam os partidos nisto. Não existe nenhum partido por detrás disto, não estamos a trabalhar com qualquer partido. Estamos aqui à mesa 6 pessoas e concerteza simpatizamos neste momento com partidos diferentes.

Nas A. G. T. é preciso meter isto na cabeça das pessoas, porque de certeza esses senhores que queremos substituir vão-se agarrar a isso dos partidos.

Eu não admito de maneira nenhuma que se intrometa algum partido dentro da nossa luta, para a boicotar.

A ALIMENTAÇÃO NO HOSPITAL DE S. JOSÉ

Utilizando as colunas do nosso jornal, pretendo através destas curtas linhas denunciar, de uma forma geral, uma situação de facto existente no hospital de S. José, no que diz respeito ao capítulo da alimentação, como forma de chamar a atenção, para quem de direito, no sentido de vir a ser solucionado rapidamente esta grave anomalia, para benefício de todos aqueles que têm de utilizar a alimentação confeccionada, neste Estabelecimento Hospitalar.

Poderei dizer sem qualquer margem de erro que, a alimentação em S. José, é péssima apontando para isso vários motivos:

1.º — Os géneros adquiridos são de 3.ª qualidade embora sejam pagos como de 1.ª. Os principais beneficiários disto não são concerteza os comensais.

2.º — Gastaram-se cerca de 400 contos na aquisição de material para o Refeitório, mas entretanto, na Cozinha continuam a faltar materiais elementares para a confecção das refeições. Como exemplo, poderei dizer que há dois ou três anos se não come bife com batatas fritas, embora este prato conste da ementa, porque não há frigideira para confeccionar as batatas e os bifés.

3.º — As ementas constituídas mantêm-se inalteráveis há mais de três anos e mesmo assim nem sempre são umpridas.

Estará isto certo?

Concerteza que não. A comissão nomeada para a reestruturação da Alimentação que tem feito?

Quem elegeu esta comissão?

Alguns dos seus elementos, já antes do 25 de Abril faziam parte do Serviço de Alimentação. Que fizeram eles?

Conversa fiada e circulares algumas, mas como nós não nos governamos com isso, que fazer perante isto?

Um trabalhador do H. S. José

AJUDANTES DE ENFERMARIA DOS H. C. L. FALAM-NOS DOS SEUS PROBLEMAS

Ajudantes de enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa resolveram divulgar, ao «Saúde pelo Povo», alguns dos seus problemas em entrevista onde estiveram presentes auxiliares de enfermagem de S. José, S. Lázaro e Estefânia.

Qual é a vossa categoria profissional e quando apareceu?

— Somos ajudantes de enfermagem e a nossa categoria apareceu vai para uns 8 anos. Dizem que se desconhece quais as nossas funções nos H. C. L., mas nós fazemos de tudo.

— Excepto lavar o chão e não damos injeções nem pomos sangue e soros.

— A ajudante de enfermagem é chamada para tudo e mais alguma coisa. Se falta a enfermeira temos de a substituir. Isto tem acontecido. Esta colega, quando esteve no Curry Cabral, fazia o trabalho de enfermeira.

— Agora acham que o nosso trabalho não tem interesse para o serviço e querem acabar com a categoria.

Em que condições entraram para os hospitais?

— Nós entramos para cá para fazer um curso baseado no da enfermagem, que durava muito menos e não nos ensinavam o mesmo.

— Nessa altura, havia falta de pessoal de enfermagem e um sr. director que foi ao estrangeiro onde há também este curso, resolveu fazer um igual aqui.

— Entrámos com a promessa de que ao fim de dois anos de trabalho voltaríamos para a escola para aprender enfermagem.

— Quando viemos o curso durou menos do que o previsto. Só 4 meses. De manhã havia serviço e à tarde aulas. Ao fim de 15 dias mudávamos e de manhã tínhamos aulas e à tarde trabalho.

— Algumas viemos da rua só com a 4.ª classe. Uma que tinha o 2.º ano foi para a escola de enfermagem.

DOENTES DE SANTA MARTA

(Continuação da pág. 3)

ocupadas com camas, o que nos parece bastante injusto, devido àquela sala ter o nome de refeitório destinado aos doentes. Perante este caso pedimos justiça.

5.º — Denunciamos ainda, a falta de higiene nas roupas. Estas encontram-se bastante encardidas, cheias de nódas e algumas bastante usadas, o que não só baixa a moralidade do doente, por falta de higiene, como também representa um mau aspecto perante as pessoas que vêm visitar o doente, que lamentam constantemente a miséria que se vive nos hospitais. Acrescentamos ainda, que, para além destas anormalidades na roupa, ainda se nota a falta da mesma, pois estes doentes passam dias e dias sem pijamas e algumas roupas de cama não são mudadas. Motivo: não haver roupa que substitua a que está nas camas. Como frequentemente acontece não termos toalhas para limpar a cara, limpamo-la aos lençóis que já mal servem para cobrir a cama, pelo que tornamos a pedir reparo para quem de direito.

— Só desde há 3 anos é que é exigido o 2.º ou o 5.º ano.

O nosso curso existe porque querem ter pessoal de enfermagem com menos responsabilidade e menos ordenado.

— Dizem que vão acabar com a nossa categoria, mas se nós não fizéssemos falta, não tinha havido curso este ano.

— Quanto ao ordenado entrámos com 1550\$00. Dizem que era 2000\$00 mas nunca recebemos isso.

— Agora ganhamos quatro contos e duzentos.

— Com as velas ganhamos quatro contos oitocentos e cinquenta e dois escudos.

— Isso é com 7 velas. A vela é feita da meia noite às oito. Num dia, entramos às oito e saímos às quatro da tarde. Ao outro dia, entramos às quatro e saímos à meia noite e a seguir entramos à meia noite e saímos às oito.

— Não chegamos a ter dias de folga.

O vosso curso só funciona nos hospitais de Lisboa?

— Não, também há no Porto e Coimbra mas só vale a nível hospitalar. Não podemos trabalhar noutro lado.

O que vos ensinaram no curso?

— Ensinaram umas bases do estudo do corpo humano, Fisiologia. Aprendemos a lidar com os doentes, a saber se o doente está bem ou mal, a tratar dos bebês, a transportar os doentes, a fazer as camas dos operados, a fazer clisteres e a preparar o material.

— Só não damos é a medicação. Mas por vezes somos nós a dar a medicação «per os».

— Nós agora, quando várias categorias pedem promoções, exames «ad hoc», etc., pensamos em pedir um curso para nós a nível hospitalar. Isto é, fazíamos o curso e trabalhávamos, para sermos enfermeiras.

— Já é tempo de o fazer. Nós podemos pedir a nossa promoção pois se existe uma escola de educação permanente... Antes do 25 de Abril, tinham-nos prometido um aperfeiçoamento.

— De resto, entramos com a promessa de uma bolsa passados 2 anos.

— Foi pena terem acabado com o curso de auxiliar de enfermagem. Nós tínhamos mais facilidade em passar a auxiliar que a enfermeira.

— Mas as nossas colegas auxiliares fizeram muito bem. Passaram a enfermeiras e agora vão fazer um curso de vários meses.

Como se organizam para conseguirem o curso?

— Tivemos na semana passada uma reunião no Hospital de Santa Maria.

— Foi indecente essa reunião. Uns têm o 2.º ano e outros têm o 5.º e então dizem que querem ir para uma escola oficial, tirar o curso de enfermagem, durante dois anos.

— Eles não pedem um curso de promoção mas bolsas de estudo.

— Sim, realmente não é mau andar com os livros debaixo do braço e recebermos o ordenado ao fim do mês.

Vocês como têm a 4.ª classe não podem receber a bolsa?

— Não. Ninguém nos quer ajudar. Noutro dia, uma sr.ª enfermeira teve o arrojo de dizer: «Era o que

faltava, as ajudantes de enfermagem terem tantos conhecimentos como nós!»

— Mas muitos enfermeiros apoiam-nos; eles dizem isso.

— Muitas enfermeiras eram criadas quando entraram para cá. E até algumas chefes. Eu acho que o que interessa a nós e aos hospitais é trabalharmos e irmos fazendo um curso de promoção.

— Se outros tem o direito de subir de categoria, as ajudantes de enfermagem também têm esse direito.

— Todos temos direito à vida.

Quantas são vocês?

— Aqui nos hospitais civis com a 4.ª classe somos mais de cem.

— Até o nosso representante na mesa de Gestão quer acabar com a categoria de ajudante de enfermagem.

— Nessa reunião em Santa Maria, estavam colegas do Sanatório do Lumiar, do Júlio de Matos e de cá dos H. C. L. Éramos uns 60, mas os delegados eram poucos.

— O nosso representante disse que o papel que uma de nós levava a dizer estas coisas não prestava.

— Eu respondi-lhe que se quisesse o rasgasse, que nós não fazíamos outro.

— Quando nós queríamos falar, começavam a fazer barulho, riam-se

e até gritavam, mas só os que tinham o «2.º e 5.º ano».

— O nosso colega Ladeira, da Gestão, não está interessado nisto. Ele está lá na Gestão ao que dizem sempre calado.

— E até recebe como se fizesse as 9 velas.

— O mal é haver rivalidades e esses colegas acharam-se superiores res a nós.

Como pensam levar o processo para a frente?

— É necessário organizarmo-nos, fazer reuniões com as colegas dos Hospitais todos, para saber se concordam.

— E se for necessário, eu cá acho que vamos falar com o Vasco Gonçalves.

— Nós temos toda a razão em pedir isso.

— Agora, não me parece mal dizer que nós podemos ser tão competentes como as enfermeiras. Eu, quando recebia o conto e quinhentos trabalhava lá fora num posto e fazia tudo de enfermagem. Agora não faço porque tenho um filho.

— Eu trabalhei num posto grande em Alvalade e era a responsável, embora o dono do posto fosse um enfermeiro de cá dos Hospitais.

É preciso que os trabalhadores lutem pela sua valorização profissional contra a divisão de trabalho injusta imposta pelo sistema capitalista.

OS PROBLEMAS DOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS DOS H. C. L.

Os funcionários administrativos dos H. C. L. encontram-se divididos por uma situação de manifesta injustiça e desigualdade criada pelas alterações de quadros e distribuição de funcionários por novos mapas, anteriores ao 25 de Abril e segundo é afirmado num documento a apresentar ao Governo Provisório e que circula nos H. C. L.

Em Abril de 1973 foi extinta a categoria de catalogador e a generalidade dos funcionários passou à categoria seguinte.

Contudo, com alguns, isso não se verificou, injustificadamente pois tinham as condições exigidas. Os trabalhadores consideram que esta alteração deve ser mantida mas alargada a todos os que a ela têm direito, pois veio beneficiar a maioria dos trabalhadores.

No ano seguinte, em Fevereiro de 74 apenas foram beneficiados alguns em detrimento da maioria, tendo sido a escolha dos funcionários arbitrária.

Na ocupação das vagas criadas em 1973 e 1974 foram seguidos dois critérios: um considerado justo, levando em conta a antiguidade. Outro baseado segundo pseudo-informações. Foi ao aplicar este segundo critério que a Administração, num fascismo declarado, cometeu as maiores injustiças:

— Promoveu familiares e apadrinhados com poucos meses de funcionários, atropelando outros com mais de 30 anos de serviço.

— Houve até quem subisse 4 e 5 categorias em pouco tempo enquanto outros esperam há anos.

Acham estes trabalhadores que a Comissão de Gestão não lhes ofereceu garantia pois entre os seus elementos há quem tenha sido apadrinhado nas usurpações de categorias ou quem anteriormente deixava a desejar no desempenho das funções.

Assim a Comissão não defende os interesses destes trabalhadores pois iria contra alguns dos seus membros que foram beneficiados. Como resultado, todas as exposições de protesto até aqui apresentadas, foram neutralizadas.

Criaram-se assim nesta instituição divisionismos e mesmo ódios pelo fomentarem diferenças onde não as havia.

Estes trabalhadores também denunciam as manobras de certos sectores dos H. C. L. que tentam conseguir novas alterações de categorias iguais às anteriores.

Pedem ao Governo Provisório a nomeação de uma Comissão que faça um inquérito às situações existentes que desrespeitando direitos elementares e transformando alguns em «eleitos» à custa dos restantes, transformam os Hospitais Cívicos de Lisboa, talvez na instituição mais viciosa de toda a administração pública.

Pensam estes trabalhadores, propor, enquanto a Comissão de Inquérito não resolve as desigualdades, a suspensão de todas as promoções baseadas nas leis antigas e na redução do número de categorias existentes afim de se criarem condições de trabalho mais correctas que não provoquem injustiças e rivalidades entre os trabalhadores.

Do comunicado dos funcionários administrativos dos H. C. L.

A LUTA DO POVO DO VIETNAM E A SUA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DA SAÚDE

A luta do heróico povo do Vietnã contra o colonialismo Francês, Japonês e o imperialismo Americano é de todos conhecida e é um exemplo de como um povo explorado pode vencer sucessivamente o ocupante colonial, derrotando-o política e militarmente e fazer face à maior e mais criminosa guerra de agressão imperialista da história, derrotando os Americanos e seus lacaios no campo de batalha, com uma inferioridade de meios sem comparação. Foram quase 50 anos de luta cheios de sacrifícios que são hoje marcados pela iminente queda de regimes a soldo do imperialismo de Saigão e do Camboja. O exemplo da sua luta no campo da saúde é importante para nós e para todos os povos e nações exploradas e oprimidas.

● As condições de saúde no Vietnã sob o domínio colonial Francês

Sob o domínio colonial Francês, o povo Vietnamita vivia em condições de exploração e miséria.

As doenças como a cólera, a varíola, a febre tifoide, a poliomielite, a sífilis, o paludismo e a tuberculose faziam todos os anos milhares de vítimas.

A mortalidade pré-natal era terrível, em 100 crianças, 40 morriam ainda no ventre das mães.

Havia um médico para 180.000 habitantes.

A resistência contra o ocupante Japonês que derrotara os Franceses, progrediu sobretudo no norte e assim em 1945, quando o Japão se rende e retira as suas tropas, o povo do Vietnã funda a República Democrática do Vietnã do Norte sob a direcção do presidente HO CHI MINH.

A independência e a paz durante apenas 20 dias. Os Franceses invadem o País pelo sul e no ano seguinte a guerra contra o invasor Francês alastra a todo o País.

● A guerra contra o colonialismo Francês

O Governo Revolucionário lança um apelo a todos os médicos, farmacêuticos, enfermeiros, parteiras e pessoal dos Hospitais para se juntarem à guerrilha.

Com os médicos tradicionais, fundaram os primeiros centros de tratamentos e estudos médicos, bem com as primeiras unidades de produção farmacêutica.

As Faculdades de Medicina e Farmácia foram evacuadas para os campos a fim de prosseguirem o seu trabalho de ensino. Criaram-se novas escolas de enfermeiras, de parteiras e medicina para a formação de quadros que o povo precisava.

● A derrota dos franceses em 1954

O colonialismo Francês foi vencido após 9 anos de guerra, em que o exército, de pé descalço, derrotou os orgulhosos militares Franceses, que alguns anos depois, aplicariam os ensinamentos do Vietnã na luta contra o Povo da Argélia. A batalha de Dien Bien Phu é um marco histórico nas guerras coloniais. O governo Francês, onde estavam os socialistas vê-se obrigado a negociar a sua retirada, na Conferência de Genebra. Em 1954, a situação era do ponto de vista sanitário pior que em 1945, nas áreas sob controle colonial.

Para 13 milhões de habitantes



A mulher tem um papel tão importante como o homem na luta de libertação nacional

havia cem médicos, duzentos médicos ajudantes e mil enfermeiras.

Nas zonas libertadas, pelo contrário, nos anos de guerra não houve epidemias.

Perante a escassez de pessoal e a devastação provocada pela guerra, o Governo e o Partido dos Trabalhadores dá novas directrizes à luta dos serviços sanitários num programa de 6 pontos, em que a tarefa principal é ajudar a elevar o nível de vida do Povo e a prevenção da doença (profilaxia).

Este programa enriqueceu a experiência dos Povos colonizados e teve influência noutros continentes como a África, na luta dos Povos da Guiné, Moçambique e Angola contra o colonialismo português, onde a luta no campo da saúde foi sempre considerada importante.

● O programa para a saúde

1.º A medicina vietnamita socialista deve estar ao serviço dos trabalhadores, das mães e das crianças e da defesa nacional. Deve contribuir para elevar o nível de vida do povo e dar uma particular atenção à protecção das minorias nacionais.

2.º A profilaxia é a tarefa principal da medicina vietnamita.

3.º A medicina vietnamita deve procurar reunir as tarefas da prevenção e do tratamento das doenças, no sistema de dispensários e no princípio da descentralização. Por outro lado o doente deve ser encarado como um todo orgânico.

4.º A medicina vietnamita deve aprender a experiência da medicina popular tradicional e estudá-la à luz da ciência moderna.

5.º A organização da medicina vietnamita deve assentar nas massas populares. Deve assim procurar educar as massas e adoptar uma linha que não esteja em contradição com o espírito e os interesses das massas.

6.º É preciso contar com as suas próprias forças, edificar os serviços de saúde pela força do trabalho e da economia, procurando o rendimento máximo e utilizando ao mesmo tempo a ajuda preciosa dos países amigos.

● Como foram resolvidos os problemas no Norte

O mais urgente problema a resolver era o das epidemias e das doenças infecciosas, as parasitoses e as doenças sociais.

Por um lado combateu-se a infestação dos alimentos e das águas, organizaram-se esgotos, tratou-se da acumulação de detritos e fez-se

um combate aos mosquitos e às moscas. A população foi ensinada a velar pela higiene da alimentação e da habitação.

Por outro lado fez-se a vacinação em massa da população a fim de aumentar as defesas do organismo. Ao mesmo tempo, aumentou-se o nível de vida material e cultural da população. A higiene corporal tornou-se prática corrente nos campos. A cultura física e os desportos tomaram pouco a pouco importância.

Em 1957 a cólera e a varíola desapareceram. A poliomielite desapareceu em 1961 e a febre tifoide está em regressão constante.

Em 1962 lançou-se uma ofensiva geral contra o paludismo que nos fins de 1964 colocou a doença em vias de desaparecer.

Outras doenças como a lepra e a tuberculose diminuíram muito.

A protecção à mãe e à criança teve sucessos encorajadores.

● A que se devem estes resultados

Estes resultados devem-se a três factores.

1.º Ao estabelecimento de uma vasta rede sanitária descentralizada, nas cidades e campos, de que o mais remoto camponês podia beneficiar.

2.º A formação de novos quadros que trabalharam em boa colaboração com milhares de médicos tradicionais.

3.º A utilização dos conhecimentos adaptados às condições do povo vietnamita.

● A agressão dos imperialistas americanos

Em 1954 os americanos e seus lacaios impedem pela força a realização das eleições no Vietnã do Sul previstas pelos acordos de Genebra depois da retirada dos franceses. A luta reacende-se no Sul através da organização do Povo à volta da Frente Nacional de Libertação (VIETCONG).

Para impedir a queda do regime fantoche de Saigão o governo de Kennedy envia especialistas do exército americano (conselheiros) para enquadrar as unidades do exército de Saigão. Envia material de guerra em quantidades crescentes.

Em 1964, o Vietnã do Norte ao fim de dez anos de envolvimento não directo na luta, apresentava um grande desenvolvimento da agricultura, da indústria e da saúde pública, na via da construção do socialismo. Apoiava militar e economicamente e até ao envio de médicos e enfermeiros a luta do Vietcong, no Sul.

Para destruir este exemplo de rápido desenvolvimento sócio-económico, deste pequeno país socialista que era um exemplo contagioso para os povos explorados do terceiro mundo, e para tentar impedir as sucessivas derrotas no Vietnã do Sul o governo americano inventa uma escaramuça no mar do Vietnã para começar o ataque aéreo sistemático contra cidades, vilas, aldeias, campos, obras de irrigação do Vietnã do Norte.

Em menos de um ano são lançadas sobre a República Democrática do Vietnã do Norte mais toneladas de bombas que durante toda a II Guerra Mundial em todo o mundo.

Para destruir a vontade do povo vietnamita foram destruídas e arrasadas aldeias, mercados, igrejas, escolas, hospitais, massacrando milhares, crianças e velhos.

Quase todos os hospitais de província e de distrito bem como grande número de postos médico-sanitários comunais foram destruídos.

Não é por acaso que os «civilizados» americanos destruíram os hospitais. Com isso, pretendiam massacrar civis e privar os feridos de tratamento, pensando que com isso desmoralizariam as populações.

● Nada é mais precioso que a independência e a liberdade

Sob esta palavra de ordem do Presidente Ho Chi Minh o povo vietnamita avançou na organização de uma resposta à aviação americana e no reforço das medidas de cobertura sanitária. Os serviços de urgência foram organizados a todos os níveis a partir das brigadas de produção das cooperativas agrícolas.

No fim de 1968 a maior parte das cooperativas possuíam posto de socorro próprio. Todas as comunas têm farmácia fixa e pequenas farmácias itinerantes.

Graças a esta organização todos os feridos recebiam imediatamente



Uma sala de operações subterrânea, impossível de localizar e ser atingida pelas bombas americanas

primeiros socorros, e 80% eram operados de urgência nas próprias comunas. Os hospitais distritais são camuflados e dotados de pessoal e material de modo a fazer frente a todas as necessidades de tratamento e operações.

● A derrota dos imperialistas americanos

É devido à forte determinação do povo de lhes fazer frente, mobilizando todos os esforços, empenhando-se na protecção das unidades de produção (dispersas e instaladas em túneis e abrigos), na luta contra os bombardeiros (foram abatidos mais de dois mil) e na construção de uma economia independente. No campo da saúde, o sucesso dos cuidados de saúde deve-se à vasta rede sanitária implantada pelo país, ao impulso dado ao movimento de higiene e profilaxia, há existência de uma produção própria de medicamentos e vacinas e à sua rede de distribuição e à formação de quadros em número suficiente.

Tudo isto só foi possível realizar graças à linha de acção desenvolvida pelo Partido dos Trabalhadores do Vietnã que apesar das dificuldades materiais e técnicas e das invasões sucessivas levou a cabo uma obra complexa e árdua no da saúde contribuindo para a luta de libertação nacional e construção do socialismo.